

FLORENCIA BONELLI

CAVALO DE FOGO
– GAZA

Tradução de Rui Lagartinho

Feira Internacional de Aviões de Farnborough, Hampshire, Inglaterra. Julho de 1998.

Donatien Chuquet chegou duas horas antes à sua habitual visita anual à maior feira de aeronáutica do mundo. Conhecia bem o certame, dos seus anos como oficial da *L'Armée de l'Air*, quando o visitava em representação da força para avaliar os avanços da indústria aeronáutica e informar os seus superiores.

Os seus dias como piloto de guerra tinham terminado abruptamente quando, depois de um júízo sumário, o devolveram à vida civil por terem ficado demonstradas graves irregularidades no seu desempenho como instrutor de voo na base aérea de Salon-de-Provence. O filho do general Managel, um recruta medíocre que certamente não teria passado no exame final, acusou-o de lhe ter pedido dinheiro para o passar. Depois dessa acusação, as outras sucederam-se como num efeito dominó. Ficou a saber que tinha mais inimigos do que amigos na Força Aérea. No espaço de dois meses foi expulso.

Agora trabalhava como piloto de testes em regime *freelance* para as construtoras aeronáuticas Dassault, Northop Grumman e Safran, que, apesar de pagarem pouco, lhe davam a oportunidade de pilotar os melhores caças aéreos do mundo. Durante o fim de semana humilhava-se num aeródromo, a pilotar avionetas para que alguns paraquedistas vivessem momentos de excitação, ou sobrevoando as praias de Royan exibindo faixas publicitárias. Dois divórcios e quatro filhos constituíam uma carga pesada que não lhe permitia dar-se ao luxo de ser esquisito.

Naquela tarde, iria pilotar o *Rafale*, a nova joia da Dassault, que substituiria o *Mirage*. Dois potenciais compradores seguiriam as suas acrobacias

através de binóculos instalados à sombra nas mesas da bancada VIP do Farnborough Business Park, enquanto bebiam champanhe e negociavam aviões que custavam mais de quarenta milhões de dólares.

Chegara duas horas mais cedo, porque antes de pilotar o *Rafale* tinha um encontro marcado com um desconhecido. Tinha-lhe telefonado dois dias antes, tratando-o com uma cortesia que raiva a deferência; pelo sotaque, Chuquet quase apostaria que era árabe.

– Um amigo sugeriu-nos o seu nome para um trabalho bastante delicado que o meu chefe deseja que se faça, *monsieur* Chuquet.

– Que amigo?

– Se não se incomoda, prefiro não mencionar nomes pelo telefone. – Após uma ligeira pausa, prosseguiu: – Sei que estará em Farnborough. – A revelação deste facto alarmou Chuquet, que não dissera a ninguém que viajaria para Inglaterra a fim de visitar a feira. – E que irá tripular o *Rafale* para a Dassault – acrescentou o misterioso interlocutor.

– Como sabe? Esta situação desagrada-me.

– *Monsieur* Chuquet, estamos interessados em si; por isso, há já algum tempo que o seguimos.

– Quem é o senhor? Quem representa?

– Alguém disposto a pagar-lhe uma fortuna que lhe permitirá viver retirado e tranquilo numa qualquer ilha do Pacífico.

Com este argumento final, o desconhecido convencera-o a marcar um encontro no bar da feira. Sentado a uma mesa e sem tirar os óculos de sol, Chuquet olhava em redor sem conseguir distinguir nenhum árabe nas proximidades. Ao longe, por trás das rajadas de ar quente que emergiam da tubagem de um *F-15*, podia ler-se, num cartaz enorme, «*Success is in the air*», o *slogan* da feira. Concordou: de facto, o sucesso estava no ar. Desde a Segunda Guerra Mundial que era uma verdade assente que a supremacia de um conflito bélico estava do lado de quem detivesse a melhor frota de aviões.

O toque do telemóvel perturbou-o. Atendeu rapidamente.

– *Allô?*

– Chuquet, sou eu. Normand Babineaux.

– Ah, Normand – respondeu, algo desiludido.

– Imagino que não fiques entusiasmado por me ouvires: com certeza deves estar a pensar que te vou pedir os cinquenta mil francos que te emprestei há dois meses.

– Não, não, Normand. Estou contente por te ouvir. – Era dos poucos

amigos que guardava dos tempos de piloto de guerra; na verdade, era dos poucos amigos que ainda tinha. – É que estou à espera de uma pessoa à meia hora e julguei que era ela. Onde estás? Em Paris?

– Não. Estou na Arábia Saudita.

– Que fazes nesse país de merda? – Chuquet não guardava boas recordações dos seus dias na base de Al-Ahsa, durante a Guerra do Golfo.

– Treino pilotos sauditas por conta da Mercure.

– A empresa de Eliah al-Saud?

– *Ajá.*

Também não guardava boas recordações de Al-Saud. «Maldito filho da puta.» Quando o mandaram embora da *L'Armée de l'Air*, pedira-lhe trabalho, e Al-Saud negara-se a ajudá-lo com uma desculpa esfarrapada. Semanas mais tarde, descobriu que tinha contratado Matthieu Arceneau, Lorian Palomé e Dimitri Chavanel, todos bons aviadores, mas cujas habilitações, bem como as horas de voo acumuladas, não se comparavam às dele.

Humilhara-o, porventura como vingança dos duros anos de treino na base aérea de Salon-de-Provence. «Deveria estar-me grato. Fiz dele o melhor piloto da sua geração.» O filho da puta era bom. Muito bom. Era impossível esquecer o seu desempenho durante a Guerra do Golfo, que lhe valera duas medalhas. A destreza do seu antigo discípulo ultrapassava largamente a sua e isso também o deixava de mau humor.

– Espero que o ordenado que te paga o Al-Saud compense toda a areia e calor que és obrigado a tragar.

– Claro que compensa, não o duvides. De que outra forma me poderia dar ao luxo de conduzir um *Su-27*?

– Desde quando é que os sauditas têm aviões *Sukhoi*?

– Desde nunca. Este pertence a um saudita específico, um homem muito excêntrico, primo-irmão de Eliah. Foi adquirido pelo governo sírio e está guardado num hangar na base aérea de Dharan.

– E que tal? – perguntou Chuquet, escondendo a inveja.

Babineaux esprou-se numa descrição quase poética do voo no melhor avião de fabrico russo e um dos melhores do mundo.

– O primeiro a experimentá-lo foi Al-Saud; para se exibir, quando regressou à base brindou-nos com a «Cobra de Pugachev».

Chuquet apertou de forma quase instintiva o pé da *flute* de champanhe. Ao levantar o olhar, distinguiu um homem de aspeto impecável – fato escuro, camisa com peitilho azul, colarinho e punhos brancos,

botões de punho – que levantava o copo na sua direção, sorrindo-lhe. O misterioso encontro.

– Normand, tenho de desligar – apressou-se. – Acaba de chegar a pessoa de que estava à espera.

Despediram-se com promessas de voltarem a falar numa nova oportunidade. Ao verificar que Chuquet guardava o telemóvel, o homem abandonou a mesa onde se sentara, aproximando-se. Sorriu-lhe enquanto lhe estendia a mão e se apresentava:

– Chamo-me Sami al-Quraíshi.

– Chuquet.

– Eu sei. Não, obrigado. Não vale a pena – apressou-se a dizer Al-Quraíshi quando Chuquet o convidou a sentar-se. – É melhor sairmos daqui e visitarmos a feira. Vê aqueles indivíduos de fato escuro e binóculos? Os que estão perto do *Tornado* e parecem contemplar o céu? – Chuquet confirmou. – São agentes da CIA. Não gostaria de lhes chamar a atenção.

Caminharam entre o aglomerado de pessoas amontoadas junto aos *stands* das diversas empresas aeronáuticas. Al-Quraíshi aproximou-se do da Sukhoi e agarrou em vários panfletos, folheando-os como se estivesse sozinho.

– Quem lhe sugeriu o meu nome para o trabalho que me quer propor?

– Para ser franco, ninguém. Resultou de uma investigação.

Ao perceber que Al-Quraíshi não ia acrescentar mais pormenores, Chuquet impacientou-se.

– Disse-me que tinha um negócio para me propor. Daqui a uma hora tenho que pilotar um avião para a Dassault. Não me resta muito tempo.

Al-Quraíshi esboçou um meio-sorriso condescendente.

– Ocidentais – murmurou. – Sempre apressados.

– Pode dizer o que quiser dos ocidentais; até agora, e pelo que julgo saber, somos nós quem governa o mundo.

Al-Quraíshi levantou o olhar, encarando Chuquet com hostilidade.

– Não vai ser sempre assim.

– Ah, não?

– Não. Chegará o dia em que o mundo árabe fará o Ocidente pagar todas as ofensas que tem sofrido. – Incomodado com o seu próprio comportamento, compôs o nó da gravata e pigarreou: – Vamos à nossa proposta, *monsieur* Chuquet. O meu chefe precisa da sua experiência e habilidade para arranjar dois pilotos e instruí-los numa missão bastante

delicada. Tudo isto precisa de estar feito num curto espaço de tempo, pelo que a sua disponibilidade terá de ser total.

– Que tipo de missão?

– Os pormenores ser-lhe-ão facultados quando ficar assente que aceita colaborar connosco.

– Senhor Al-Quraíshi, não pretende com certeza que tome uma decisão desta natureza com tão pouca informação disponível.

– Sabe o estritamente necessário. O senhor foi instrutor de voo, certo? – Chuquet concordou. – Sabe como lidar com os pilotos, não é verdade? – De novo, Chuquet aquiesceu. – Pois bem, isso é o que terá de fazer. Sabemos que as suas finanças estão na linha vermelha. Vermelho vivo, diria até. A dívida de trinta mil francos no Visa tira-lhe o sono. Os juro estão a devorá-lo.

– Como sabe? – Chuquet afastou-se de modo instintivo. – Quem é o senhor? Quem é o seu chefe? Como se atreve a meter-se nas minhas questões financeiras?

– Cada coisa a seu tempo, *monsieur* Chuquet. Vou-lhe dar mais um dado que, creio, o tranquilizará. – Sacando de uma lapiseira de ouro, o homem escreveu uma quantia num folheto da Sukhoi. – Este é o montante que receberá pelo seu trabalho. Vinte por cento de início, vinte por cento passados três meses e os restantes sessenta quando a missão for concluída com sucesso.

As sobranceiras de Chuquet ergueram-se num gesto eloquente.

– Ao menos, diga-me quem é o seu chefe.

– Saddam Hussein – respondeu Al-Quraíshi, sorrindo-lhe.

Alguns dias mais tarde, Chuquet descobriu que os quatro milhões de dólares que lhe iam pagar para treinar dois pilotos numa missão da qual ainda não conhecia detalhes também serviam para encobrir outra tarefa: passar informações sobre a construtora aeronáutica Dassault, mais especificamente, sobre o aeródromo situado nas instalações da empresa em Istres, no sul de França, onde a companhia experimentava os seus aviões. Respondia às perguntas de Al-Quraíshi e de outro homem, que não se apresentou mas que sabia bastante sobre aviões de guerra, num escritório da embaixada do Iraque em Paris. O instinto insinuava-lhe o que faziam com a informação que lhes dava, mas o senso comum dizia-lhe que era um disparate pensar nisso.

Passaram dez dias até o instinto de Chuquet se revelar certo: os

iraquianos conseguiram infiltrar-se nas instalações da Dassault e mataram um piloto de treino quando este vestia o colete anti força-G, substituindo-o por um dos seus próprios homens. Ninguém deu por nada, uma vez que o escolhido tinha a mesma estatura física do piloto e se aproximou do *Rafale* com o capacete posto. Entrou no caça, descolou, fez uns testes, mudou-se e saiu. Da torre de controlo assistiram incrédulos a estas manobras; quando tentaram que o piloto retomasse as suas rotinas, obtiveram como resposta o som de comunicação cortada.

Chuquet compreendeu tudo no dia seguinte, quando leu o título do jornal *Le Figaro*: «*Tentativa falhada de roubo de um Rafale*». No *lead* explicava-se que o «*Piloto de identidade desconhecida atuara no aeródromo da Dassault em Istres*». O corpo da notícia dava conta que a companhia tinha avisado a Força Aérea francesa que, em poucos minutos, acabou por localizar o *Rafale* sobre o Mediterrâneo. Dois *Mirage 2000* lograram alcançá-lo quando sobrevoava a Córsega, colocando-se cada um do seu lado. Como não conseguiam estabelecer contacto via rádio, o *Mirage* da direita balançou as asas, um sinal conhecido entre os pilotos para indicar «segue-me». O *Rafale* acelerou até ultrapassar a barreira do som. Os caças franceses lançaram-se no seu encalce. Finalmente, após um *dogfight*, a nova joia da Dassault foi alcançada por um míssil aéreo MICA RF, que o transformou numa bola de fogo antes de o destruir.

Apesar de já ter terminado a leitura do artigo, os olhos de Chuquet não descolavam da última frase. «*Até ao momento desconhece-se o motivo e a identidade de quem perpetrrou o roubo do avião.*» Custava-lhe acreditar no que lia, mas era verdade. O mundo desconhecia que os iraquianos estavam por trás desta operação. Percebeu que, ao deter essa informação, tinha a vida em jogo. Sentou-se num cadeirão, aturdido com a revelação.

Sami al-Quraíshi telefonou no dia a seguir ao encontro, e Chuquet apercebeu-se do tom sombrio na sua voz. Reuniram-se no café Paris, na avenida dos Champs Elysées, um local tranquilo, sem turistas. Sentaram-se numa mesa discreta. Chuquet olhou os fregueses que ocupavam as outras mesas, sentindo-se observado.

- Avaliou a nossa proposta, *monsieur* Chuquet?
- Sim, e decidi aceitar.
- Ainda bem.
- Vamos ao que interessa, senhor Al-Quraíshi. Qual vai ser a minha missão?

– Vamos apresentar-lhe a um grupo de pilotos: terá de escolher dois. Os melhores.

– Isso já me tinha dito. A minha questão é: os melhores para fazerem o quê?

– Para que entrem, sem autorização, claro está, no espaço aéreo de dois países com o objetivo de levar a cabo uma missão secreta.

– Serão favas contadas no caso de estarmos a falar do espaço aéreo de Timor-Leste ou da Somália. Outra coisa diferente será se o espaço aéreo for o inglês. Já para não falar do norte-americano.

– Será no de Israel.

– *Quoi?*

– Fale baixo, *monsieur* Chuquet. E também no espaço aéreo saudita.

– Perdeu o juízo? Não existe no mundo um espaço aéreo mais controlado. Quem tentar violá-lo não viverá para contar a história.

– Ninguém lhe está a exigir que o piloto regresse com vida, *monsieur* Chuquet. Só pedimos que cumpra a sua missão antes de morrer. – Donatien Chuquet olhou-o, chocado. – Não me olhe assim, *monsieur* Chuquet. O senhor sabe que esta missão é exequível.

– Sim. É possível – admitiu Chuquet, controlando-se. – Claro que não dependerá só da destreza do piloto, mas também do avião utilizado. Tinham pensado usar o *Rafale*?

Sami al-Quraishi sorriu com sarcasmo e Chuquet sentiu um nó no estômago que o apertava como se tivesse ali uma pedra.

– Como soube pelos jornais, a operação correu mal.

– Por acaso a Força Aérea do Iraque não dispõe de dois *Mig* ou de dois *Mirage* capazes de levar a cabo com sucesso esta missão? Recordo que durante a Guerra do Golfo estavam bem armados.

– A Força Aérea do meu país é um monte de lata. Estamos proibidos de comprar material de substituição oficial, e o mercado negro está fora de questão. É muito arriscado. Precisamos mesmo de saber que estamos a comprar peças originais. Tudo tem de ser perfeito. Nada pode falhar. O senhor, *monsieur* Chuquet, esqueça os aviões. Nós vamos consegui-los. O seu trabalho será treinar os pilotos. Nada mais lhe será exigido.

– E onde será levada a cabo a seleção e o treino?

– No Iraque.